

**Instituição Beneficente “A Luz Divina”  
Grupo da Fraternidade**

**A FASCINAÇÃO: ORGULHO E HUMILDADE**

**02 / 03 / 2018**

No capítulo 23, de *O Livro dos Médiuns*, cujo título é “Da Obsessão”, é analisada a problemática da obsessão que acomete os médiuns. Kardec a classifica em três tipos: *Obsessão simples, fascinação e subjugação*. Neste trabalho iremos analisar a *fascinação*.

A fascinação é uma forma de ilusão que é gerada diretamente na mente do médium, a qual paralisa de certa forma a sua capacidade de discernimento. Ele, então, perde a condição de julgar as comunicações que recebe. É uma forma muito perigosa de obsessão, pois o indivíduo além de ser enganado, transmite instruções e mensagens às pessoas, que também podem ser ludibriadas.

Em nota de rodapé, em *O Livro dos Médiuns*, Herculano Pires diz que muitas comunicações absurdas e palestras comprometedoras têm sido produzidas e divulgadas por médiuns fascinados. A este propósito temos visto ultimamente muitas publicações polêmicas no campo do Espiritismo. Precisamos ter muito cuidado e analisar o que lemos, passando tudo pelo crivo da razão.

No processo da fascinação o obsessor irá se aproveitar de brechas na moral da sua vítima. A principal brecha, neste caso, é o orgulho. Na língua portuguesa esta palavra tem duas conotações: uma é positiva, referindo-se ao indivíduo que consegue realizar algo e se sente feliz por isso; a outra é negativa, e se refere àquele que se julga superior aos outros, e está relacionada à arrogância.

Façamos aqui um contraponto entre orgulho e humildade. Mas, antes é importante observar que humildade não é sinônimo de baixa autoestima ou autopiedade, pois neste caso a pessoa se sente sem valor, sem méritos, mas não faz nada para se melhorar, permanecendo estagnada.

Sendo assim, podemos dizer que humilde é aquele que, quando erra, admite seu erro, buscando se melhorar. Já o orgulhoso é aquele que, diante do erro, não o admite, preferindo culpar os outros ou as circunstâncias. O humilde faz seus afazeres sabendo que deve haver formas melhores de realizá-los, procura estudar, buscar outras maneiras de agir. O orgulhoso faz as coisas sempre da mesma forma, pois se considera perfeito. O humilde avança, pois reconhecendo seus limites luta para ampliá-los. Já o orgulhoso fica estagnado, pois quem acha que tudo sabe nada mais tem a aprender.

É importante aqui salientar que não é a mediunidade que produz o orgulhoso. Ela é um dom neutro, podendo ser usada para o bem ou para o mal. Os defeitos que possuo já estão em mim, se não se manifestassem no trabalho mediúnico se manifestariam em outras situações, como no trabalho, no convívio social.

Emmanuel, no livro “Seara dos Médiuns”, nos diz que “obsessores são nossas próprias obras, espinheiros plantados por nós mesmos...”

Conta-se que os romanos da Antiguidade tinham um hábito muito importante: todas as vezes que um general, um líder importante, voltava de uma dura batalha com uma retumbante vitória, ele entrava na cidade de Roma e tinha que deixar o exército do lado de fora, em um grande campo aberto, que era chamado de Campo de Marte – dedicado ao deus da guerra. O general subia em uma “biga”, carro de combate com dois cavalos, conduzida por um escravo. O líder se apoiava na lateral da “biga” para ser aclamado pelo povo. E atravessava toda a cidade de Roma até o Senado, onde seria agraciado com a maior honraria que um general poderia receber naquela época: uma bandeja com folhas de palmeiras em cima. Era uma honra inacreditável.

O general ia em direção ao Senado e, por lei, um segundo escravo acompanhava a “biga”, a pé. Esse segundo escravo tinha uma obrigação legal: a cada quinhentas jardas, ele tinha que subir na “biga” e soprar no ouvido do general a seguinte frase: “Lembra-te que és mortal”. A “biga” se deslocava mais quinhentas jardas, e ele sussurrava novamente o alerta.

A soberba e o ego inflado fazem o indivíduo se tornar descuidado, talvez por isso os romanos colocavam um escravo a seu lado: para alertar o general de suas limitações.

Então, o que acontece é o seguinte: o médium vai ter sempre o obsessor sussurrando em seu ouvido que ele é muito bom, que não deve dar atenção a ninguém que ouse contrariá-lo. Somem-se a isso as adulações, os aplausos que ele irá ouvir das pessoas a seu redor e, eis aí, um ego muito inflado.

Para complicar ainda mais a situação, não é raro o médium sentir prazer na simbiose com o obsessor, pois, já tendo em si o orgulho, e como este é alimentado, ele entra num processo do qual não deseja sair. Passa a crer, inclusive, que o dom e o mérito é todo seu, mas na verdade a mediunidade é uma concessão de Deus, para que trabalhemos em benefício do próximo.

Então, como combater a *fascinação*?

Fazendo a reforma íntima, praticar o autoconhecimento. Conhecer-se a si próprio, com suas qualidades e defeitos. Derrubar o escudo protetor que colocamos em nós para nos defendermos das críticas.

Quando alguém nos critica a reação, em geral, é dizemos: “Não é comigo, deste mal não sofro”. Mas, será que não seria o caso de analisarmos com bastante cuidado, e talvez percebêssemos que lá no fundo pode ser que aquela crítica tenha algum fundo de verdade.

Por fim, como trabalhador de uma casa espírita, devemos evitar nos melindrarmos por qualquer motivo, aceitar os conselhos e corrigendas que porventura forem dirigidas a nós. Ter muito cuidado com os elogios, tanto ao fazer, mas, principalmente, ao recebê-los. Tudo isso é humildade, fazendo isso estaremos no caminho certo. Lembrando ainda o que nos dizia Jesus: “Bem aventurados os humildes...”

**Wagner M. Valentim**

Palestra proferida em 02 de março de 2013,  
na Reunião do Grupo da Fraternidade,  
da Instituição Beneficente “A Luz Divina”.